

Filhos da
AMÉRICA

NÉLIDA PIÑON

Filhos da
AMÉRICA

TEMAS E DEBATES

Círculo de Leitores

Heródoto e a Aprendiz Nélida

AUSCULTO A ARTE E CONSTATO que para existir ela cobra excessos, clamores, confidências. Não disfarça a intimidade acaso havida entre os corpos. Suplica às vezes que as emoções se aprofundem, não se resguardem, revelem o grau da solidão de cada qual.

No exercício de meu ofício de narradora, estabeleço condições estéticas variadas, pautas, artifícios, o que alicerça os fundamentos capazes de assegurar a dimensão da veia criadora. Uma prática que afinal enseja irradiar de cada página uma pungente e dolorida sabedoria.

Como narradora, vivo sob o signo da trapaça que rege o espírito inventor. Sou filiada à ficção que concebe categorias a serviço dos personagens. Sei que, mediante traços nervosos, o Brasil de Machado de Assis interroga se Capitu traiu ou não o marido. Uma questão nacional que solapa a credibilidade de Bentinho, avaro e mesquinho, que, entretido com o veneno da vingança e da solidão, reproduz no Dom Casmurro sua fúria inóspita.

Nenhuma narrativa é inocente. Avança pelos meandros da mentira, da ambiguidade, dos subterfúgios, contando com o limitado conhecimento que autor e personagens têm de si mesmos. Contudo é mister mencionar do coração. Assim, o autor que pretende combater o modelo humano corre o risco de violar os melhores impulsos da arte, de se tornar obsoleto e restrito. Portanto, fora da utopia da arte, falece sua autoridade de falar da controvertida modernidade da criação. Só dentro da moldura literária, que serve aos comandos do autor, subsiste a sua arte. A narrativa é o seu ninho natural. Ao menos assim insinuou Emma Bovary, a mulher da província francesa imortalizada por Flaubert.

Ao aninhar-se, porém, no próprio espírito criador, o autor tem o propósito de extrair dos desvãos da memória e da consciência a matéria com que dar vida ao personagem. Conta, a seu favor, com os sentimentos que rugem ao acorde das palavras para se confrontar com as misérias e as urgências de um quadro social distorcido. Mas acaso não é da magia da arte reverter um quadro cruel que

espezinha o humano? E arrancar dos redutos sagrados, da zona que tem o inconsciente como guardião, os símbolos, as metáforas, as alegorias, que garantem ser o humano um alçapão onde as palavras boiam ao som das cordas de um violino estridente?



A vida, em conjunto, conflui para a dimensão da escrita, onde tudo desagua. A aventura de narrar, sob o signo do estético, integra tradição e modernidade, retifica a construção literária que esteja em curso. O ato mesmo de narrar orienta o caminho da arte que se origina do caos, das emoções incontidas, da matéria arqueológica que nos constitui. Enquanto vai cobrando do horizonte o gigantesco afresco cuja continuidade milenar afiança o próprio ofício de contar histórias.

Em torno, os narradores, que somos nós, asseguram que nos cheguem intactas as evidências narrativas do passado, graças às quais recuperamos os rastros civilizatórios que foram abandonados, ou mesmo esquecidos. Isto ocorrendo graças à grei humana composta dos aedos, dos poetas da memória, dos autores dos códices milenares, dos incas amautas, dos xamãs, dos nómades, dos goliardos, dos profetas do deserto, dos peregrinos de Jerusalém, dos oráculos, com Delfos na vanguarda. Dos seres que ao longo dos séculos cederam o material épico com o qual se recuperam a verdade narrativa e a génese humana.

A voz de Homero ecoa ainda hoje entre nós. Seu timbre ampara a criação, confirma a sucessão do curso empreendido pelo voo da narrativa. De modo a assegurar que não haja nesta arte rupturas, hiatos, expurgos, seleções autoritárias. E prossiga a crença de haver por trás da arte a rota do mistério.

O conjunto narrativo com que contamos especula sobre a substância sanguínea e onírica que nos forjou ao longo das eras. Registra a existência de uma saga cujos ruidosos personagens atendem ao nosso chamado na ânsia talvez de comover o empedernido coração dos homens.

Afinal, os temas ao nosso alcance são recorrentes. A pretexto de dar densidade narrativa ao que se cria, o autor acode à cena arcaica e igualmente contemporânea. Tudo serve de base para a cobiça narrativa inventar, ou reconhecer, os seres lendários que graças a sua persuasão arquetípica ainda prosseguem em nós, comem conosco à mesa. São arquétipos que Joyce usou em *Ulysses*, Victor Hugo recuperou em *Paris*, Hamlet fez vagar no palácio de Elsinor, Freud dissecou. São hidras cujas cabeças, mesmo amputadas, prontamente se regeneram. Arquétipos que sobrevivem no subterrâneo da imaginação coletiva, e que identificam o arcaico de outrora que persiste em nós.

Somos o que esses personagens foram no passado. A tragédia grega, que nos representa, é a síntese perfeita da miséria humana. A realidade atual iguala-se à mentira elaborada pela arte de todos os tempos. E a biografia nossa ganha transcendência quan-

do selecionada pelos recursos criadores. Em nossa conturbada psique, pois, está presente a rebeldia de Antígona, as páginas de Shakespeare, de Cervantes. Esses narradores embrenham-se por nós e saqueiam nossa imaginação. Em variado diapasão descrevem o amanhecer e o crepúsculo humano. Sugerem que o nosso drama siga abrigando-se na obra de arte, onde se prorroga o que é descrito literariamente. O simbolismo de Sísifo, por exemplo, enlaça-se com o cotidiano e me torna vítima do mesmo enredo. Como consequência, o advento do mistério literário projeta-se no seio da cultura, também no lar. Traduz o esplendor e a miséria do cotidiano. Uma vez que a narrativa tenta esclarecer nossa presença no mundo. De seus gestos criadores apreende-se o que basicamente é insurgente.



A criação literária ampara-se também na fábula, que guarda a memória minha e a do mundo. Um legado que sob o jorro da invenção redimensionou o que havia no interior de cada qual, trazendo para fora o que constituía representação existencial. A fábula, contudo, retrata as vidas dos homens pela metade. Mal reproduz quem somos. É um enredo vagabundo que nos quer atribuir origem lendária.

Herdeira, portanto, de qualquer espécie de fábula, registro aqui pedaços meus e dos demais. Ciente de que, conquanto

unidos, formamos um mosaico imperfeito, assimétrico, com o qual me resigno. Admito, porém, ser a memória o único relato confiável. Assim, toca-me deixar rastros por onde siga. Em cada página da minha floresta abandono pedaços de pão que orientam o leitor.

Afeita às aventuras desde a infância, averiguava de perto o assombro dos vizinhos de Vila Isabel diante da vida e de qualquer indício crepuscular. Em meio às brincadeiras de rua, ou no quintal da nossa casa na rua Dona Maria, atrás do número 72, percebi que de nada valia ter nome próprio e um rosto composto pelos genes do pai e da mãe. Era fácil ser esquecida, perder-me na multidão. Havia, portanto, que me esforçar por existir. Ainda que tenha agora o nome alojado nos livros que assinalam pormenores da minha existência como quem desenterra Troia, situada na Ásia Menor, ansiosa por descobrir se de facto existiu a cidade de Príamo. A cidade que desenterrei sendo eu mesma.

Não é natural falar em primeira pessoa. É um incómodo. Ajo, então, como me ensinou a mãe, Carmen, que me fortalecia sugerindo que eu tragasse o espinafre do marujo Popeye com seu eterno cachimbo. Razão pela qual, ao discursar em público, que, vejam, eu não ser afásica, incorporo à minha genealogia romanesca um infindável número de personagens, transeuntes, vizinhos, todos à deriva. Pois não ando sozinha no mundo. Sou muitas, múltipla. Portanto, em mim a linguagem reverbera, a psique padece, sob o fardo da memória coletiva.

Ah, amigos, como dói saber que nascemos de uma ninhada, que nada nos distingue. E que ainda aspirando à solidão, nunca me abrigo em um edifício abandonado. Portanto, ao detalhar minha biografia, sou levada a incluir aqueles com quem comparti o cotidiano. Minha experiência pessoal excede o exercício da minha estética. Estamos todos na mesma canastra. Cada palavra, cada cena, cada confiança arrasta uma memória cujos efeitos me perseguem. O conjunto de vivos e de mortos é um fardo. Mas o que fazer com meus cúmplices? Não os posso trair. Menciono seus segredos, os retalhos de suas vidas, em algum parágrafo, sem dar seus nomes, que dissolvo. Libero-os, portanto, da responsabilidade de haverem pecado ou se omitido.

A memória está em cada esquina. Conquanto falhe, se distraia, ela está viva, respira. Nada do humano jaz soterrado nos seus escaninhos. O detalhe mínimo apresenta-se de repente e aviva o que ficou atrás. Emoções, estilhaços amorosos, instantâneos vergonhosos, as dores do degrado. Tudo que é matéria ficcional. Memória e invenção são assim inseparáveis, uma não vive sem a outra. Conjugadas, restauram a história do mundo. Ensejam que a arte narrativa esplenda. Expressam as turbulências do pensamento e do coração. Fazem a *collage* dos factos, o retoque dos rostos, os pedaços da vida acaso despedaçados e esquecidos. Insinua que a existência é melancolicamente narrada.



É inevitável mencionar minha origem. De onde provenho, a quem devo o sortilégio de dispor de um repertório que não me falha ao cobrar porções inestimáveis com as quais dar início a uma narrativa.

Nasci em Vila Isabel, terra de sambistas. Recentemente descobri que o sambista do meu coração é o paulista Adoniran Barbosa. Mestre da oralidade. Um criador que ousou mencionar o nome Iracema, seu grande amor, como pretexto para esclarecer que perdeu o retrato da amada, e dela só restou um sapato. Eu teria dado anéis e brincos para ter escrito esta frase.

De família espanhola, da Galiza, uma região fecundada por lendas, narrativas, superstições, crendices, apostas no sobrenatural. Santiago de Compostela é sua capital, onde se concentram fé e cultura.

Guardo estas terras galegas no ninho da memória. Ali, menina, passei quase dois anos. E ao retornar ao Brasil, falando português com sotaque galego, trouxe de volta um saber que alargou meus horizontes. Preservo intactos seus mitos, a intensa fabulação. Lendas e mitos que intensificaram a imaginação e a memória, produtos universais, advindos de Cotobade, terra da família materna e paterna, onde ancoo ainda hoje réstias da minha escritura. Um universo que conservo sem danificar. Sem correr o risco de sacrificar ou mesmo atualizar, em nome da contemporaneidade, os mitos herdados. Não lhes concedo a pátina da vulgaridade, não quero mitos roqueiros, ostentando

andrajos falsos. Mito não se moderniza, envelhece sem sofrer expurgos.

O núcleo mítico da minha escritura vem das vertentes do mundo. Em especial de um enclave galego constituído das treze aldeias que amei, de onde saiu o meu sangue. Do concelho de Cotobade, do qual fui declarada, em dia festivo, *Hija Adoptiva*.

Na temporada vivida na aldeia, com escassas visitas às cidades da Península Ibérica, eu agia como uma camponesa. Curvava-me diante dos mistérios da colheita e aprendia que a civilização repousava sobre as benesses produzidas no campo. A lavoura em seu esplendor me abençoava.

Subjugada às tradições das aldeias da família, ainda hoje uso a palavra *canastra*, como ouvia em Borela, na casa da avó Isolina, em vez do clássico *hórreo*, que enfeitava a paisagem galega, que era como se designava a construção de pedra destinada a secar e guardar o milho e demais cereais. Fui, sem dúvida, induzida ao erro, mas já não disponho de tempo para corrigi-lo.

Pouco importa. É da literatura sorver os erros humanos e dar-lhes um outro uso. O que é a narrativa senão um amontoado de equívocos com os quais encenamos a realidade.

Testo meus sentimentos por Galiza e persistem os motivos para amá-la. Para enaltecer as visões e os lampejos afetivos ganhos na infância. Enquanto o Brasil é minha língua, residência da minha alma, Galiza é o reduto de um imaginário que me intriga e que não traduzo. Seu enigma se deve talvez a sua rusticidade

camponesa, à concentração da fé da qual emergiu o fascínio de Santiago de Compostela, ao facto de ser o galego de etnia antiga, talvez celta, talvez suevo, com sobras visigodas. Uma terra que por força de sua essência milenar rechaça a armadilha do discurso contemporâneo, montado em bases frívolas e movediças.

Através da família materna e paterna, analisei o percurso do imigrante. O caminho que palmilharam em busca da glória das primeiras moedas. Atraídos pelas promessas, pelas mentiras, de que viveriam dias esplendorosos e em poucos anos retornariam às suas aldeias com alforge carregado de ouro.

Desconheciam que, mal desembarcados no cais da Praça Mauá, seriam chamuscados pelo fogo do inferno. Só lhes mitigando a dor o arfar da esperança. Não pude, ainda não havendo nascido, testemunhar os primeiros passos dados pelos avós e o pai logo que desembarcaram na inóspita América.

Na casa dos avós, eu observava o pai e demais imigrantes radicados no Rio de Janeiro. Pousava neles meu olhar comovido e solidário. Menina, contudo, não tinha como me antecipar aos factos. O que haviam eles feito para eu me beneficiar da mesa farta, cercada de travessas. A realidade vivida em Vila Isabel, e em Copacabana, para onde os pais e eu nos mudáramos, provinha dessa gente que afugentava dúvidas, me iludia com certezas. Não exibiam de modo algum seus pesares.

Os suspiros da avó Amada, sempre elegante, de trajes de seda e saltos altos, pareciam afirmar o quanto lhe custara adaptar-se ao

Brasil. Ainda não se desprendera da casa paterna, deixada em Carvalledo, centro administrativo de Cotobade, onde usufruía de um conforto fidalgo, que o marido, Daniel, jamais conhecera. E quando os avós me abraçavam, eu intuía que o calor originário de seus corpos padecera também dos tremores do inverno da desilusão.

Às vezes choro ao recordar o que meu povo heroico sofreu para que eu fosse feliz, estudasse no colégio de beneditinas alemãs, frequentasse assiduamente o Teatro Municipal, viajasse, dilatasse o imaginário com revelações que só a cultura despejava em mim. E o que fizeram para eu vir a ser uma escritora brasileira que hoje desfruta da extremada liberdade de inventar o mundo para acertar no alvo da realidade.

Eles nada diziam a respeito dessa caminhada de dor e desapego. Não permitiam que eu fizesse parte do cenário que a vida lhes armara. Contudo, falavam do Brasil agradecidos. Diziam que, caso morressem no exterior, havia que devolvê-los ao Brasil, túmulo e casa onde seriam lembrados.

Acumulo detalhes promissores relativos à viagem que faríamos à Espanha. Ao longo de anos a família me preparou para conhecer a terra deles. Prometeram-me desabrochar corpo e imaginação na terra deles, rústica e amada. Assim, com dez anos, cheguei ao porto de Vigo, Galiza, trazida pelo barco inglês. Já do convés, observei, assustada, familiares e amigos que, lá em baixo, aguardando o desembarque, nos acenavam. Um arrebatado digno de receber o imperador da Etiópia e seu séquito.